Acessibilidade na Cultura: como transformar o Teatro em algo de e para todos.

O caminho para uma Cultura mais acessível ainda é longo. Alguns passos já foram dados, mas ainda há paragens obrigatórias para uma viagem que se quer mais inclusiva.

Quando falamos em Cultura, tópicos como a descentralização, uma oferta mais plural e a valorização do talento jovem são temas que saltam para o centro do debate. Chegou a altura de se acrescentar à lista a Acessibilidade. É neste sentido que o Grupo Ageas Portugal e o Teatro Nacional D. Maria II se juntam, naquela que tem sido a sua parceria ao longo de já quatro anos, alertando para a necessidade de, cada vez mais, se lutar por um Teatro feito por todos e para todos.

"O D. Maria II e o Grupo Ageas Portugal celebram, este ano, quatro anos de parceria em projectos que já tinham o objectivo de fortalecer o serviço público de Cultura, tornando o Teatro acessível a todos. Esta é uma colaboração muito estreita, que muito nos orgulha e que nos permite continuar a potenciar o talento e a valorização dos profissionais que se dedicam ao teatro, ao mesmo tempo que continuamos o trabalho de aproximação a públicos de todo o território nacional, com uma oferta teatral de qualidade e reforçamos a capacidade que o teatro tem de chegar a todos. Somos pela inclusão, pela diversidade, pela pluralidade, pela igualdade na participação e na fruição cultural, apoiando o desenvolvimento dos instrumentos e dos meios necessários para poder concretizar esta acessibilidade de forma transversal". Palavras de Teresa Thöbe, Responsável de Marca, Patrocínios e Parcerias do Grupo Ageas Portugal, que rapidamente acrescenta que a questão da acessibilidade é prioritária, quer a nível do acesso a espaços públicos, quer "na oferta para públicos com necessidades específicas."

Já no âmbito da Rede Eunice Ageas, uma iniciativa do Teatro Nacional D. Maria II e do Grupo Ageas Portugal, dois dos três espectáculos em circulação pelo país em 2023 incluem recursos de acessibilidade (audiodescrição e interpretação em Língua Gestual Portuguesa) em todas as suas sessões. No caso do espectáculo Zoo Story, a palavra dita é mesmo substituída pela palavra gestuada, uma vez que o espectáculo é protagonizado por dois intérpretes surdos e, por isso, é inteiramente em Língua Gestual Portuguesa, com legendas em português.

Mas é preciso fazer mais, refere Teresa Thöbe. "É preciso alargar a oferta para que todos os espectáculos possam ter estas medidas. Interpretação em Língua Gestual Portuguesa, audiodescrição, legendagem... são medidas que têm de se estender ao público, mas também aos profissionais de Teatro, em conteúdo e também ao nível da acessibilidade física aos bastidores, nos camarins, palco, para que todos os profissionais possam seguir o seu percurso de carreira em igualdade."

O trabalho desenvolvido pelo Grupo Ageas Portugal neste caminho é já extenso e não se prende apenas à parceria com o D. Maria II. Foi nos dias 22 e 23 de Junho que teve lugar, em Lisboa, a emissão especial "RFM Sem Olhar a Quem". Do que nos pode contar, Teresa Thöbe desvenda que esta "é uma outra iniciativa, e que no fundo revela a visão clara que temos sobre a questão da acessibilidade e sobre os valores que defendemos, numa parceria entre o Grupo Ageas Portugal, a Fundação Ageas e a RFM. Uma emissão de 28 horas totalmente dedicada à acessibilidade na Cultura, com a missão de consciencializar para a necessidade de alargar a oferta e melhorar o trabalho desenvolvido para as pessoas com necessidades específicas. Queremos abrir debate e a reflexão sobre o que podemos fazer ainda mais".

> **"Somos pela inclusão, pela diversidade, pela pluralidade, pela igualdade na participação e na fruição cultural."**
>
> **Teresa Thöbe**
> Responsável de Marca, Patrocínios e Parcerias do Grupo Ageas Portugal

No que ao Teatro Nacional D. Maria II diz respeito, as questões de acessibilidade estão, hoje em dia, no centro de todas as decisões. Quem o diz é Rui Catarino, Presidente do Conselho de Administração do Teatro. "As preocupações com a acessibilidade são um fenómeno, infelizmente, recente nas instituições culturais. No caso do Teatro Nacional D. Maria II nós trabalhamos a acessibilidade de uma forma sistemática e cada vez mais profunda desde 2010 e com mais intensidade nestes últimos anos de actividade. Aquilo que nós queremos é que não seja necessário nomear a acessibilidade. Queremos que ela seja, de facto, algo absolutamente central e natural em tudo aquilo que é a actividade cultural."

Fechado para obras até 2024, as mudanças que o público poderá encontrar no Teatro Nacional D. Maria II estarão inclusivamente focadas na acessibilidade da própria equipa.

Isto porque, refere Rui Catarino, "o Teatro já era totalmente acessível, nos seus espaços públicos, a pessoas com mobilidade condicionada. Vamos melhorar a acessibilidade dos camarins e das condições dos escritórios. Aquela que vai ser mais beneficiada é a acessibilidade da equipa." Já para Teresa Thöbe, falar-se em Acessibilidade é falar-se também em formação, em literacia. Para a responsável de marca, é necessário "não só tornar o acesso físico aos espaços uma realidade, não só tornar as peças mais acessíveis a todos os públicos, mas também dotar os próprios colaboradores, as pessoas que trabalham nestes organismos públicos e privados, de formação e educação, para que estejam preparados para receber todo o tipo de público. A formação e literacia neste sentido é algo que queremos e estamos a apoiar".

Quando chega a hora de falar em futuro, as conclusões são óbvias: as medidas estão identificadas, chegou a altura de as colocar em acção. "Do ponto de vista legislativo, as necessidades estão identificadas. É preciso apoio financeiro e consciência social para que tudo possa ser concretizado. A questão aqui não se trata daquilo que se pode fazer mais, trata-se sim de viabilizar e consciencializar aquilo que já foi identificado", acrescenta Teresa Thöbe.

Indo ao encontro das palavras ditas por Teresa Thöbe, Rui Catarino não hesita em reforçar que "o Teatro não se faz com todos, infelizmente. Tem-se feito, na realidade, com muito poucos. Não basta só termos plateias diversas, é preciso que elas se sintam bem-vindas, que possam participar, que se sintam representadas naquilo que é o trabalho que as instituições culturais fazem. Já há muita coisa feita, mas aquilo que está por fazer é muito mais".

Quanto a planos futuros, baixar os braços não é um deles. No caminho para uma Cultura mais acessível, Rui Catarino identifica ainda muitas paragens obrigatórias antes de se chegar ao destino final: "Não podemos descansar quanto a isso. A garantia da diversidade e da inclusão na actividade cultural é urgente. Este trabalho nunca estará terminado, nunca poderemos descansar quando continuamos a saber que a participação das nossas comunidades na Cultura ainda é tão pequena".